

AGORA E SEMPRE

SÉRGIO ALVES PEIXOTO*

Agora,
quando a noite chegar,
verá improvisada no meu rosto a cor inesperada da manhã.

Mas como mudaste tanto, perguntará.
Onde o melancólico enigma das pupilas?
A palavra domada num sussurro?
O reflexo perdido em pó de vidro?

Se teu nome é o mesmo
som antigo
celebrado a água e sal
(dirá ao meu ouvido)
por que me entregas outros símbolos?
Não te acostumei a meus segredos
maternais, dulcorosos, sem relógios,
segredos de requiescat adumbrados e pacem forjada?

Mas no meu rosto
nada da subterrânea primavera
da flor rasteira
ou do doce e quente perfume sob a língua.

Só a manhã imutável, imprevista
e esperada.

*Professor de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG

O Eixo e a Roda, Belo Horizonte, (4): p. 219-221, 1985.

CANÇÃO DO LAMENTO NA NOITE

SÉRGIO ALVES PEIXOTO

Vaga na noite
o som estranho
o sonho estranho
do meu lamento.
Vaga contida
antiga vaga
feita de espanto
- e espanto tanto -
que sem descanso
busco no vento
um contra-canto
de esquecimento.
E este meu canto
- vaga da noite -
enternecida
dor sem alento
procura ser
um acalanto
e rouba à noite
todo o encanto
que dá à noite
seu ser e tempo.

SONETO FORA DE FORMA

SÉRGIO ALVES PEIXOTO

Não sou mais eu quem canta, amor antigo.
Sob meus pés o tempo tece o gesto
em que me perco ao teu olhar amigo
e cria em mim a face em que me resto.

Não sou mais eu; é outra voz agora
que sob a falsa calma da cantiga
busca encantar-te, como fez outrora,
um mago possuidor de uma alquimia antiga.

Não sou mais eu, repara, e essa canção é outra,
e inventa em mim um ser, amor antigo,
transfigurado em frêmitos de asas

que engendram formas minhas, mas tão loucas,
de transmudar-te a esfinge em sentido
e decifrar-te em mágicas palavras.